

Peter Burke – Circulação e apropriação do seu pensamento na História da Educação brasileira

ANTONIO CARLOS FERREIRA PINHEIRO
CLÁUDIA ENGLER CURY

SITUANDO O AUTOR NA HISTORIOGRAFIA

Nos últimos quarenta anos a historiografia brasileira passou por grandes mudanças teóricas e metodológicas. Esse movimento de renovação historiográfica passou a ser conhecido, genericamente, como *História Nova*, configurada a partir de uma emblemática tríade conhecida como: *novas abordagens, novos objetos e novos problemas*.

Há de se considerar que o movimento ampliou enormemente o horizonte dos historiadores quando estes aprofundaram o rompimento com os referenciais metodológicos assentados no positivismo, no empirismo clássico e na chamada Escola Metódica, iniciado no final dos anos vinte com os *Analles*. Só que desta feita estava também incorporada uma proposição de ruptura em relação às finalidades marxistas, às abstrações weberianas ou às intemporalidades estruturalistas (LE GOFF; NORA, 1988a).

Foi, portanto, no âmbito dessa eferescente conjuntura de grandes questionamentos a tudo aquilo que estava historiograficamente acomodado e academicamente instituído, ou seja, “os mais seguros sistemas de explicação histórica [encontravam-se] colocados em questão por essa dilatação do campo da história”, segundo Le Goff e Nora (1988, p. 13), que foi publicada por esses mesmos autores, em 1974, em uma

obra intitulada: *Faire de L'histoire*. Essa obra, que já tinha obtido repercussão na França, quando foi traduzida para a língua portuguesa, provocou, também, aqui no Brasil grandes debates, principalmente entre os marxistas, tornando-se, rapidamente, uma das mais importantes referências no âmbito das discussões teóricas e metodológicas acerca de como se deveria produzir o conhecimento histórico.

O referido livro apresenta um *plano geral da obra*, que na edição brasileira serviu como referência para a sua organização e publicação em três volumes. Assim, ela foi intitulada *História*, sendo indicados em cada volume, separadamente, os subtítulos: *Novos Problemas, Novas Abordagens, e Novos Objetos*. Sobre essa questão, Pinheiro (2011) recentemente fez uma discussão acerca das características mais gerais da obra acima referenciada e apontou que os três volumes estão constituídos por vinte e nove textos, dos quais alguns alcançaram grande notoriedade no mundo acadêmico, sendo ainda hoje muito citados.¹ Assim sendo, cabe-nos observar que os referidos textos ao apresentarem objetos de pesquisas e perspectivas interpretativas originais abriram enormemente as possibilidades de se fazer história. Afinal, o movimento reforçou “a tendência da história a se intentar no nível do cotidiano, do ordinário, dos *pequenos*” (LE GOFF; NORA, 1988, p. 13).

Vale aqui salientar que alguns temas não foram diretamente apontados nessa obra, tais como os relacionados com a história das mulheres ou sobre a história da educação.² Contudo, a indicação da relevância de os historiadores se aproximarem

¹ Aqui destacamos alguns deles: no volume *Novos problemas*: A operação histórica (Michel de Certeau); História social e ideologia das sociedades (Georges Duby); História marxista, história em construção (Pierre Vilar); O retorno ao fato (Pierre Nora). No volume *Novas Abordagens*: A demografia (André Burguière); A literatura (Jean Starobinski); A Arte (Henri Zener); A política (Jacques Julliard). No volume *Novos Objetos*: As mentalidades: uma história ambígua (Jacques Le Goff); A língua: lingüística e história (Jean-Claude Chevalier); O livro: uma mudança de perspectiva (Roger Chartier e Daniel Roche); O filme: uma contra análise da sociedade? (Marc Ferro).

² A história da educação foi e ainda é frequentemente “esquecida” pelos historiadores que organizam esse tipo de obra. Vejamos alguns exemplos: Cardoso e Vainfas (1997) que apresentam os vários domínios da História. Boutier e Julia (1998) que enumeram os campos e canteiros da História. Barros (2004) que discute sobre as especialidades e abordagens da História. Entretanto, historiadores clássicos como Rodrigues (1978) apresenta a história da educação como parte dos diversos gêneros da História, especialmente nas páginas 196 a 198. Também vale registrar a grandiosa coleção *História Geral da Civilização Brasileira* que esteve sob a direção de Sérgio Buarque de Hollanda em relação ao Tomo I, vol.1 - A Época Colonial e ao Tomo II, vol.1. Já o período republicano ficou sob a direção de Boris Fausto, que organizou o Tomo III, vol. 2 e vol. 4. Os textos relativos à história da educação brasileira foram escritos por: Sérgio Buarque de Hollanda (colônia e império); Jorge Nagle e Celso de Rui Beisiegel (república).

do cotidiano, do ordinário e dos “pequenos”, conforme apontamos acima, possibilitou desdobramentos acerca do pensamento e de iniciativas assentadas nas seguintes compreensões: agora é possível escrever história disso ou daquilo, ou seja, o desejo de se estudar uma enorme gama de temas não é menos relevante que a história dos grandes homens ou dos grandes acontecimentos, pois agora é possível sustentar-se teoricamente. Afinal, são os historiadores institucionalizados que afirmam o que deve ser relevante fazer, escrever e pesquisar. Empiricamente, também é possível sustentar qualquer tema/objeto de estudo, já que seja qual o vestígio humano identificado pode se transformar em fonte histórica. Assim, estavam dadas todas as condições materiais, sociais e culturais para que os historiadores implementassem, mais uma vez, a revitalização de seu ofício e mergulhassem em um novo momento historiográfico, especialmente no que diz respeito aos historiadores brasileiros,³ que puderam dar continuidade ao processo de renovação que já vinha em curso e que aqui podemos, didaticamente, agrupar em três grandes segmentos: a Nova História Cultural, de influência predominantemente francesa, a História Social, produzida prioritariamente pelos ingleses e a corrente não menos importante, a Micro-História, originariamente italiana, mas que propiciou repercussões importantes nos Estados Unidos.

O primeiro segmento aprofundou radicalmente a ruptura com o marxismo e com todos os tipos de estruturalismos, mesmo que tenha mantido algum diálogo com as obras de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Em contrapartida, ocorreu uma aproximação com a obra de Michel Foucault e também tomou como grandes referenciais autores como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Michel de Certeau e Roger Chartier. Quanto ao segundo segmento destacam-se Edward P. Thompson, Eric Hobsbawn, Christopher Hill, Raymond Williams e Terry Eagleton. Todos esses, também, tece-

³ Demos aqui ênfase à forma como esses conhecimentos circularam e foram apropriados no Brasil, uma vez que se adentrarmos para as especificidades de outras nações, tais como da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Holanda, da Alemanha, da Espanha, e a extinta União Soviética, perceberemos que a ênfase na *cultura* para explicar aspectos da História foi influenciado por diversos outros autores, tais como: John Elliott, Jonathan Brown, Burckhardt, Johan Huizinga, Keith Thomas, Marcel Mauss, Aaron Gurevich, Edward Evans-Pritchard, Clifford Geertz, Natalie Davis, Lynn Hunt, entre outros. No caso brasileiro, como já dito anteriormente, a influência é marcadamente francesa, destacando-se, especialmente, Jacques Le Goff, Roger Chartier e Michel de Certeau. Sobre esse mapeamento, consultar Burke (2005), que faz uma interessante discussão sobre o tema. Outro texto que nos dá muitas indicações acerca da Nova História é a “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, publicado no livro *A escrita da História: novas perspectivas*, (1992), por Burke, organizado.

ram duras críticas ao marxismo economicista e mecanicista, todavia mantiveram-se no âmbito do materialismo histórico, dialogando, primordialmente, com Antonio Gramsci. O terceiro segmento tem como principais representantes Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Robert Darnton, que também mantiveram diálogo com Mikhail Bakhtin e secundariamente com Gramsci, mas sem se posicionarem como marxistas ou preocuparem-se mais diretamente com o processo de “revisar” a teoria marxista, assim como o fizeram alguns dos ingleses, especialmente Edward Palmer Thompson.⁴ Mas, nesse amplo movimento, onde podemos encontrar Peter Burke? A primeira especificidade do nosso autor é que apesar de ser inglês e de ter recebido toda a sua formação na academia inglesa, mais especificamente em Oxford,⁵ ele apresenta uma trajetória como historiador mais voltado para as percepções historiográficas francesas, já que não raras vezes é identificado como um historiador que se movimenta no âmbito da História Cultural.⁶ Todavia, é também perceptível em sua obra a influência que sofreu da História Social Inglesa. Nesse sentido, Barros (2010, p. 234) afirma que Peter Burke é um historiador

Que nos quadros de uma nova História Social que se reafirma nos anos 1970, tenderá cada vez mais a construir a sua identidade historiográfica no âmbito de uma História Cultural que se refundará nas décadas seguintes sob o signo de uma História Social da Cultura, ou mesmo de uma História Cultural do Social.

Concordamos com as características indicadas acima e podemos dizer que elas permeiam praticamente toda a sua obra, especialmente as mais recentes. Assim,

⁴ Duas de suas obras são emblemáticas acerca dessa discussão: *A miséria da teoria ou um planetário de erros* (1978) e *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos* (1978). Não podemos nos esquecer que a teoria marxista já havia sofrido uma série de críticas e revisões por intelectuais que no seu conjunto ficaram conhecidos como pertencentes à Escola de Frankfurt (1929).

⁵ Foi aluno de Keith Thomas e discípulo de Christopher Hill, que insistia para ele “observar tudo com ‘olho social’”, conforme afirmou em entrevista concedida a Mauricio Jalón, em 2007.

⁶ Segundo entrevista concedida a Mauricio Jalón, em 2007, Burke nos informa que o historiador equatoriano “Juan Manguashca (hoje professor de História Econômica da América Latina, em Toronto), discípulo de Chaunu, foi quem me introduziu no mundo dos *Annales*. Claro que já havia lido os livros de Braudel como estudante, mas muito diferente é se encontrar com uma pessoa que está viva, falar todos os dias com alguém que entendia tudo por dentro. Poderia lhe dizer que o meu ingresso no mundo dos *Annales* se deu pela mão de um discípulo latino americano de Chaunu” (JALÓN, 2007, p. 151).

nos parece muito significativa a análise que fez sobre a relação entre a História Social e a História Cultural em seu livro *O que é História Cultural?*

Não importa como descrevamos o que está acontecendo, se a história social engolindo a história cultural ou ao contrário, estamos assistindo ao aparecimento de um gênero híbrido.

[...] No momento, os termos “social” e “cultural” parecem estar sendo usados de maneira quase intercambiável, para descrever a história dos sonhos, por exemplo, da linguagem, do humor, da memória ou do tempo. As distinções podem ser úteis. Minha inclinação seria reservar o termo “cultural” para as histórias de fenômeno que parecem “naturais”, como os sonhos, a memória e o tempo. Por outro lado, como a linguagem e o humor são obviamente artefatos culturais, parece ser mais apropriado empregar o termo “social” para se referir a uma abordagem particular de sua história. (BURKE, 2005, p. 147)

A análise acima tecida por Burke nos é convidativa, especialmente para aqueles que trabalham com a História da Educação, uma vez que esta trata de processos e relações que emergem da sociedade, das necessidades materiais, da vontade de forjar o ser social, “civilizado”, “letrado”, “culto”, “preparado tecnicamente ou preparado profissionalmente”, entre tantos outros objetivos educacionais e escolares que lhes foram atribuídos ao longo da sua história. Todavia, todas essas construções sofreram e sofrem influências da cultura (ou das culturas) na qual estão inseridos os sujeitos educativos/educadores. Em contrapartida, não podemos, hoje, desconsiderar que as instituições educacionais e os seus sujeitos também produzem culturas específicas, como é o caso das “culturas escolares” nas suas mais diversas dimensões, que estão de certo modo interligadas, tais como a material, a curricular, a disciplinar, ou, ainda, numa acepção mais ampla da *cultura educacional*, conforme analisou Pinheiro (2009).⁷

Todavia, não pretendemos aqui realizar uma análise pormenorizada da obra de Peter Burke, até porque essa tarefa em parte foi realizada por outros historiadores como Barros (2010, p. 234), que o identifica como

⁷ Cultura educacional é uma dimensão específica e, ao mesmo tempo, abrangente do intercruzamento de saberes populares e de conhecimentos científicos que tomam como foco os aspectos relativos aos processos educacionais, sejam eles intra, extraescolares ou não escolares. Essa dimensão da cultura educacional não prescindirá do referencial político-educacional (p. 109).

Um dos historiadores com maior capacidade de síntese entre os seus pares. Especializado nos estudos sobre a Europa Moderna, mas também em História Contemporânea, talvez a sua maior contribuição à historiografia seja a reflexão que tem desenvolvido sobre a Historiografia e a Teoria da História.

Nesse mesmo estudo, Barros (2010) salienta que a obra de Peter Burke é constituída por três grandes aspectos, ou seja, o autor apresenta um procedimento metodológico, no qual os seus objetos de pesquisa são desenvolvidos, assentados na *interdisciplinaridade* (relação com a Sociologia, com a Ciência Política, com a Antropologia Social e com a Linguagem); na busca das conexões entre *Sociedade e Cultura* e na adoção do *método comparativo*.⁸

Procuramos até aqui apresentar alguns aspectos ou características de nosso autor no que diz respeito à sua formação acadêmica, abordagens teóricas e metodológicas, aspectos esses mergulhados em sua historicidade, passemos agora a responder à seguinte questão: Quando e como as obras e o pensamento de Peter Burke passaram a circular e foi apropriada pelos historiadores da educação?

CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DAS OBRAS DE PETER BURKE ENTRE OS HISTORIADORES BRASILEIROS DA EDUCAÇÃO – A DÉCADA DE 1980 E OS PRIMEIROS ANOS DE 1990

Nesta parte do texto apresentamos alguns indicativos acerca dos primeiros movimentos de circulação e apropriação do pensamento/obras do historiador Peter Burke, no âmbito da História da Educação Brasileira. Contudo, não podemos assegurar de forma muito precisa o grau de intensidade das primeiras circulações e apropriações do conjunto de sua obra circunscritas à década de 1980 e primeiros anos da década de 1990, no referido campo de conhecimento, isto é, da História da Educação. Tal estudo demandaria um maior aprofundamento a partir de diversas outras fontes, como, por exemplo, as publicações realizadas pela Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd), desde 1984, quando foi criado o

⁸ Há um interessante estudo de caráter comparativo, realizado por Marta Maria Araújo (2012), no qual utiliza como referencial a proposição comparativa indicada por Peter Burke. Mais precisamente a obra utilizada pela autora é *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII* (BURKE, 1991).

Grupo de Trabalho de História da Educação, ou mesmo das primeiras publicações efetivadas pelos pesquisadores vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), criado em 1986 e que realizou o seu primeiro seminário nacional em 1991. A consulta aos anais e textos produzidos, apresentados e publicados por esses dois grandes conjuntos de pesquisadores em História da Educação exigiria ainda, um estudo de mais fôlego e que muito provavelmente não caberia no espaço de uma coletânea que busca trazer para a análise as contribuições teóricas de outros historiadores ingleses para o campo da História da Educação Brasileira. Outra fonte, quase que inesgotável, seriam as dissertações de mestrado e as teses de doutoramento que foram produzidas nas décadas acima indicadas, no âmbito dos programas de pós-graduação em educação, especialmente, aquelas que versam sobre a História da Educação Brasileira.⁹

Em recente estudo publicado, Pinheiro (2011, p. 255) identificou que logo nos primeiros anos, isto é, conforme indicamos anteriormente (década de 1980 e primeiros anos de 1990), do processo de renovação histórico-educacional brasileiro ocorreu um novo dimensionamento

quando o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Coordenadoria de Pesquisa) promoveu uma série de eventos entre os quais destacamos o *Encontro de Pesquisadores de História da Educação*, em 1993 e o *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores*, em 1994, ambos realizados na cidade de Belo Horizonte. Todos os trabalhos neles apresentados foram publicados em forma de “caderno” denominado INEP – *Série Documental: Eventos*. Neles encontramos temas relativos: as fontes e categorias de análises; categorias de pensamentos; articulação teórico-empírica na pesquisa histórica; problematizando a interdisciplinaridade. Vale ressaltar que essas temáticas foram discutidas (principalmente em um *workshop*) por pesquisadores com tradição marxista. Também, fizeram parte do evento pesquisadores que discutiram os seguintes temas: memória escolar; história oral da educação no Brasil; história oral e a pesquisa sobre gênero; relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais;

⁹ Uma fonte também muito interessante são os artigos publicados na *Revista Brasileira de História da Educação*, periódico vinculado à SBHE, entretanto o seu primeiro volume foi publicado em 2001.

cipual das letras: entre olhares, recortes e construções da antropologia e história no contexto de uma pesquisa sobre leitura.

Em levantamento acerca dos principais referenciais bibliográficos indicados e/ou citados no conjunto de todos os trabalhos que foram publicados, sobressaem-se: Pierre Bourdieu (7 vezes), Jacques Le Goff (6 vezes), Peter Burke (6 vezes), Mario Aligiero Manacorda (6 vezes), Karl Marx (4 vezes), Paul Thompson (4 vezes), Robert Darnton (4 vezes), Carlo Ginzburg (4 vezes), George Duby (3 vezes) e Georg Lukács (3 vezes).

Secundariamente, foram citados uma ou duas vezes os seguintes autores: Dominique Julia, Marc Ferro, Pierre Nora e Paul Veyne. Conforme podemos verificar, Peter Burke encontrava-se no conjunto de autores dos mais referenciados, logo após Pierre Bourdieu e acompanhando Jacques Le Goff.

Os textos e as autoras que o referenciam na coletânea acima citada são as seguintes: *Memória escolar*, de Maria do Amparo Borges Ferro; *Por uma história oral da educação no Brasil: alguns apontamentos*, de Elza Nadai; “O céu que nos protege”: *alguns embaraços e horizontes da investigação em História da Educação*, de Ana Chrystina Venancio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha, e, finalmente, o texto de Magda Becker Soares intitulado *História e linguagem*. E as obras de Peter Burke utilizadas pelas autoras são as seguintes: *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales* (apenas uma vez); *A escrita da História: novas perspectivas* (duas vezes, sem identificação dos autores que compõem o livro); *Abertura: a nova história, seu passado e o seu futuro* (uma vez, texto de abertura do livro *A escrita da História: novas perspectivas*); *Linguagem indivíduo e sociedade*, livro organizado por Burke e Roy Porter (uma vez) e, por fim, um artigo intitulado “Burke crê na reação à uniformidade cultural”, publicado na *Folha de São S.Paulo* (uma vez). Vale, entretanto, ressaltar que apesar de encontrarmos essas obras referenciadas, elas, com exceção do trabalho de Magda Soares, não estão citadas literalmente no corpo do trabalho. Portanto, Peter Burke foi, entretanto, pouquíssimo referenciado e nos trabalhos publicados pelo INEP.

Mesmo ultrapassando a periodização que indicamos acima, consideramos importante destacar o convite que Peter Burke recebeu, em 2006, dos organizadores do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que ocorreu na cidade de Uberlândia (MG), para proferir a Conferência de Abertura. O VI Congresso teve como título geral “Percurso e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da

Educação”. Pensando na proposta central do Congresso, Peter Burke proferiu a sua conferência intitulada: *Cultura, Tradição, Educação*.¹⁰

Peter Burke iniciou a sua conferência, destacando não ser um historiador da educação, entretanto, “como outros historiadores culturais, [está] inevitavelmente preocupado com a *transmissão da cultura*,¹¹ então com a história da ‘educação’ num sentido amplo” (2007, p. 14). Seria bom lembrar que o autor não adota a perspectiva de Fernando de Azevedo, no seu sentido literal, mas sim como um dos elementos constitutivos do conceito de tradição, muito mais próximo da perspectiva desenvolvida por Eric Hobsbawm.¹²

Para Peter Burke (2007, p. 15), “existem tradições de esquerda como de direita, transmitidas em parte na família e também na escola, mas talvez mais no pátio de recreio do que em sala de aula”. Ressaltou, ainda, que a “tradição oral acadêmica, a tradição da aula, está viva ainda hoje”. Lembrou que há movimentos de manutenção da tradição ou de “contra-tradições” e que as “guerras de história, são às vezes encenadas nas aulas das escolas”.

Finalizou a sua conferência aos historiadores da educação ressaltando que a discussão sobre tradição carrega em si muitos paradoxos, entretanto destacou que o maior deles é a relação entre tradição e a inovação. Entre os vários exemplos que percorreu naquele momento, destacamos aquele mais próximo da nossa temática:

Paradoxos que são bem claros na prática cotidiana da educação como na história dela. Quem ensina, como todos nós, tem dois objetivos talvez incompatíveis: para falar Latim, *tradere e educere*. Dum lado, transmitir para os alunos o patrimônio, a tradição e, doutro lado, incentivar o espírito crítico, o pensamento independente. (BURKE, 2007, p. 20)

¹⁰ Esse texto, posteriormente, foi publicado em uma coletânea, organizada por Décio Gatti Júnior e Joaquim Pintassilgo (2007).

¹¹ Essa expressão nos é muito familiar em virtude da obra de Fernando de Azevedo, *A cultura brasileira*, especialmente no que se refere à terceira parte (ou volume, dependendo da edição), a qual denominou de *A transmissão da cultura*, ou seja, dedicado a analisar o papel da educação e da escola numa perspectiva histórico-sociológica. Hoje, se constitui uma obra clássica e uma das mais importantes referências historiográficas no âmbito da História da Educação. As ideias ali desenvolvidas foram amplamente repetidas, discutidas e criticadas. Alguns historiadores da educação, inclusive, ao classificar ou periodizar a historiografia, a denomina de “perspectiva azevediana” da História da Educação brasileira.

¹² Peter Burke afirmou na Conferência proferida em Uberlândia (2007) que a ideia de invenção de tradição é “genial de Eric Hobsbawm, especialmente apropriada, como ele mesmo percebeu, para o fim do século XIX” (BURKE, 2007, p. 21). Ver mais sobre o tema em *A Invenção das tradições* (HOBSBAWM; RANGER, 1997).

Realizada essa breve síntese da Conferência proferida por Peter Burke e da contribuição que o conceito de *tradição*, *tradição de invenção* ou de *invenção da tradição* pode oferecer e ajudar nas discussões relacionadas à História da Educação, passemos aos seguintes questionamentos: o convite a ele feito, pelos organizadores do referido evento, visou tão somente reconhecer a importância do pensamento do historiador para a consolidação do campo da história da educação? Ou ainda, o autor foi convidado porque, na visão dos organizadores do evento, portugueses e brasileiros, ele poderia ser considerado como uma referência teórico-metodológica no âmbito da História Cultural que muito tem influenciado os historiadores da educação? Em outra direção podemos inferir que o convite poderia indicar que esse historiador precisaria ser melhor “apropriado”, especialmente do ponto de vista conceitual, entre os historiadores da educação? Seja qual tenha sido o objetivo, o que nos parece significativo é o fato de que os dispositivos teóricos e metodológicos perpetrados por Peter Burke fortalecem e trazem à baila a importância da educação como um conjunto de práticas sociais e culturais que têm contribuído para a manutenção ou inovação de tradições, especialmente em um país como o Brasil, que apresenta um leque muito amplo de perspectivas culturais.

Podemos considerar ainda que a pluralidade cultural que vivenciamos no Brasil nos possibilita estabelecermos e/ou restabelecermos, se necessário for, escolhas, sejam elas antigas ou novas, hegemônicas ou não, populares ou clássicas, no âmbito educacional inspiradas nas concepções propugnadas por Peter Burke.

A PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Dando continuidade à discussão que empreendemos anteriormente, passaremos a tratar de agora em diante do mapeamento acerca da influência das obras de Peter Burke para os estudos e pesquisas mais recentes em História da Educação no Brasil. Para tanto, selecionamos duas coleções publicadas no campo da História Educacional, além das publicações resultantes das conferências e mesas redondas dos congressos brasileiros de História da Educação¹³ organizados pela

¹³ Não foram considerados os textos do último Congresso de História da Educação Brasileira, ocorrido em maio de 2011 na Universidade Federal de Vitória/ES, porque até o momento da conclusão de nosso texto, o volume encontra-se em fase de organização para futura publicação.

Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), totalizando um conjunto de 20 livros consultados, conforme quadro abaixo:¹⁴

QUADRO 1. Obras de historiadores da educação brasileira que indicaram Peter Burke como referência para a elaboração de seus artigos e capítulos de livros

| Títulos das coleções e dos livros dos congressos | Número de volumes e artigos com referências ao autor |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil</i> – SBHE (2010 – 2011) | Vol. 1 “História das Culturas Escolares no Brasil” – um capítulo; Vol. 3 “Educação e Instrução nas Províncias e na Corte Imperial” – dois capítulos; Vol. 5 “História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI” – três capítulos; Vol. 10 “Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas” – um capítulo. |
| <i>Coleção Tempos, Memórias & Histórias</i> – Norte e Nordeste (2011) | Vol. 2 “Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste” – um capítulo. |
| <i>Educação no Brasil</i> (2001) | Livro do I Congresso Brasileiro de História da Educação ocorrido no Rio de Janeiro em novembro de 2000 – um artigo; |
| <i>Escola, culturas e saberes</i> (2005) | Livro 1 do II Congresso Brasileiro de História da Educação ocorrido em Natal/RN em novembro de 2002 – um artigo; |
| <i>A Educação e seus sujeitos na História</i> (2007) | Livro do IV Congresso Brasileiro de História da Educação ocorrido em Goiânia/GO em novembro de 2006 – um artigo; |
| <i>O Ensino e a pesquisa em História da Educação</i> (2011) | Livro do V Congresso Brasileiro de História da Educação ocorrido em Aracaju/SE em novembro de 2008 – um artigo. |
| | Total de referências ao autor: 12 |

Fonte: quadro produzido pelos autores.

Consideramos que por meio da pesquisa nas duas coleções e livros acima elencados teríamos um panorama significativo acerca da produção da História da Educação brasileira, na medida em que autores de praticamente todos os estados do Brasil e suas respectivas abordagens teóricas e metodológicas estariam contemplados ou representados.

Para uma primeira aproximação do leitor com o universo da pesquisa, por nós compreendida, destacamos as obras que foram referidas pelos autores. São elas: A

¹⁴ Para a organização do QUADRO 1, tomamos como referência as vezes que o autor foi indicado nas referências e notas para em seguida detalharmos as obras indicadas pelos autores.

Escrita da História: novas perspectivas, coletânea de textos organizada por Peter Burke e publicada no Brasil pela Editora da UNESP em 1992,¹⁵ na qual obtive o maior número de citações – seis; *A escola dos Annales - 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia* foi publicada também pela Editora da UNESP em 1990¹⁶ e sobre essa obra identificamos duas referências. *Cultura popular na Idade Moderna: 1500-1800*, publicado pela Companhia das Letras em 1989,¹⁷ referida duas vezes; *Hibridismo cultural*, publicado pela Editora UNISINOS em 2006,¹⁸ apenas uma vez referida pelos autores e *Variedades de História Cultural*, coletânea de ensaios do próprio autor, publicada pela Editora da UNESP em 2006,¹⁹ referida por duas vezes pelos autores em questão.

Observando mais detidamente cada um dos textos que fazem referência a Peter Burke, pudemos notar que as duas obras que tratam de aspectos mais gerais da constituição da Nova História Cultural são tomadas pelos autores sempre como uma referência importante, cuja abordagem oferecida por Burke é compartilhada por eles, trata-se de *A escrita da História: novas perspectivas* (1992),¹⁵ *A escola dos Annales - 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia* (1990) e *Variedades de História cultural* (2006). Salientamos que se trata das mesmas obras identificadas por nós entre os autores do item anterior do texto. Chamaremos esse tipo de aproximação com a obra de Peter Burke como elementos da circulação de suas obras e ideias e, nesse sentido, destacam-se os textos de Demartini (2010) e Bittar e Ferreira (2011). Identificamos, ainda, autores que não se referem especificamente a Peter Burke, mas que o mencionam em suas referências ao final dos textos e para esses casos temos: Peixoto (2011), Feitosa e Barros (2011), Tambara e Oliveira (2011), Gondra (2007) e Nascimento (2011).

Tomemos agora outro grupo de autores que, em nosso entendimento, se *apropriaram* das obras de Peter Burke de uma forma diferente daqueles aos quais nos referimos anteriormente. Antes disso, entretanto, gostaríamos de deixar claro para os leitores que o nosso entendimento de *apropriação* se apoia nas proposições elaboradas por Roger Chartier. Acompanhemos um breve fragmento de suas reflexões:

¹⁵ A primeira edição inglesa é de 1991 e o título original é *New Perspectives in Historical Writing*.

¹⁶ A primeira edição inglesa é de 1990 e o título original é *New French Historical Revolution*.

¹⁷ A primeira edição inglesa é de 1978 e o título original é *Popular Culture in Early Modern Europe*.

¹⁸ A primeira edição inglesa é de 2003 e o título original é *Cultural Hybridity, Cultural Exchange, Cultural Translation: reflections on History and Theory*.

¹⁹ A primeira edição inglesa é de 1997 e o título original é *Varieties of Cultural History*.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 2002, p. 26)

Considerando os limites deste estudo, salientamos que não foi possível seguir rigorosamente os caminhos apontados por Chartier e traçar a história das práticas sociais de leitura de nossos autores frente à obra de Peter Burke, todavia deixaremos indicados alguns indícios de como fazê-lo ao chamar a atenção para as escolhas que os autores, aqui tomados como leitores de Peter Burke fizeram do conjunto de sua obra.

Começemos por mencionar Castanho (2011, p. 120), que em seu texto destaca o papel desempenhado por Peter Burke, afirmando que a história cultural teria dado uma guinada na direção de um maior comprometimento social pelas mãos de dois historiadores: Robert Darton, nos Estados Unidos, e Peter Burke, na Grã-Bretanha. Da mesma forma, temos o texto de Nepomuceno (2011), no qual a autora traz a discussão promovida por Peter Burke sobre a reviravolta que a escrita da História teria vivenciado ao longo do século XX, em contraposição ao paradigma *rankiano*, afirmando que os historiadores contemporâneos não só incorporaram novos tipos de fontes para as suas pesquisas como também ampliaram seus horizontes para além das fronteiras dos acontecimentos políticos e militares, recuperando um movimento iniciado pelos historiadores do século XVIII, na direção de apreender o *espírito de uma época*, conforme havia afirmado Burke (1992, p. 19).²⁰ Vale ressaltar que a autora faz referência duas vezes em seu texto ao autor, uma delas a que acabamos de mencionar e a outra quando o autor é “chamado” para referendar a discussão que a autora faz em seu texto acerca da ampliação das fontes de pesquisa para além dos documentos escritos e oficiais. Nos dois casos, a obra utilizada foi: *A escrita da História: novas perspectivas* (1992). Quando se tratava da questão das fontes, foi utilizada a *aberturada* referida obra, e quando se tratava do “espírito de uma época”, a autora apoiou-se no capítulo de Peter Burke da mesma coletânea.

Finalmente, identificamos duas autoras que se *apropriaram* de conceitos ou concepções de Peter Burke para os seus estudos e pesquisas. Trata-se de Galvão

²⁰ Respeitaremos as citações feitas pelos autores do universo que selecionamos para este artigo na tentativa de nos aproximarmos de suas apropriações da obra de Peter Burke.

(2005, p. 131) que, ao discutir em seu texto questões relativas à cultura popular, teceu críticas a uma visão que singulariza a cultura popular, como se ela fosse única e, nesse sentido, faz referência ao livro, *Cultura popular na Idade Moderna* (1989), aderindo à proposição do autor de que a cultura popular deveria ser apreendida em sua pluralidade ou ser substituída pela expressão “cultura das classes populares”. Temos ainda o texto de Bastos (2011), no qual a autora ao discutir as relações entre o regional/local e o nacional, no que diz respeito à pesquisa e ensino da História da Educação no Brasil, lança mão da concepção de *hibridismo cultural* de Peter Burke, exatamente para estabelecer os nexos e concepções possíveis entre as esferas das particularidades locais e regionais e as generalizações da esfera global estabelecendo certo “equilíbrio” entre as interpretações que reforçam as cores do particular em detrimento do global e vice-versa. Assim, afirma a autora se referindo a Peter Burke (2006, p. 103):

ao falar sobre hibridismo cultural, nos dá pistas para compreender as questões de estudos do regional/local. Ao analisar a “diglossia cultural, como uma combinação de cultura global com culturas locais”, nos permite expandir a ideia para a compreensão da história regional como uma combinação de história global com histórias locais, isto é, como o processo de contextualização local da forma global. [...] (BASTOS, 2011, p. 80-81)

Dessa forma, chegamos ao final de nossas interpretações acerca da circulação e apropriações das ideias de Peter Burke entre os pesquisadores de História da Educação nos últimos onze anos, de acordo com o universo aqui considerado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar a partir do conjunto de fontes consultadas para este trabalho que as obras de Peter Burke começaram a circular de forma mais sistemática entre os historiadores da educação brasileira a partir dos anos de 1980 no bojo das mudanças de cunho teórico e metodológico empreendidas pelos historiadores brasileiros. Podemos dizer também que as obras de caráter mais geral escritas por Peter Burke acerca da chamada história cultural, seus limites e possibilidades foram as mais consultadas pelos historiadores da educação brasileira. Possivelmente esse movimento se deu em virtude da perspectiva epistemológica adotada pelo autor ao defender no interior das renovações de *Clio*, uma história social da cultura, aspecto esse que também pode ser observado entre aqueles que configuram o campo de estudos e pesquisas histórico-

-educacionais. Nesse sentido, no *ranking* das obras mais referidas ou citadas estão *A escrita da História: novas perspectivas* (1992), seguida de *A escola dos Annales - 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia* (1990).

Entretanto, no que diz respeito, especificamente, à apropriação de sua obra é possível afirmarmos, pelo menos para o universo de pesquisa aqui considerado, que as noções de cultura popular e de hibridismo cultural foram tomadas como importantes contribuições do autor para o campo da História da Educação brasileira. Vale ressaltar, entretanto, que apesar de o autor ter proferido a Conferência de Abertura do IV Luso-Brasileiro em História da Educação, em 2007, na cidade de Uberlândia, quando tratou de questões específicas de nosso campo de pesquisa, nenhum dos autores consultados referiu-se a ela em suas reflexões e pesquisas.

Outro aspecto que consideramos relevante destacar é que apesar de Peter Burke ser um autor que adota a perspectiva interdisciplinar em seus estudos, verificamos não haver nenhuma referência sobre esse aspecto, mesmo considerando ser a área da educação e, mais particularmente, a da História da Educação, eminentemente interdisciplinar, haja vista a sua própria configuração que lida com dois campos de conhecimentos, quais sejam: Educação e História.

No que tange à utilização do método comparativo, adotado em muitas das obras de Peter Burke, esse também é um aspecto ainda pouquíssimo explorado pelos historiadores da educação. Todavia, esse aspecto é facilmente compreensível dado ao atual nível de configuração da produção histórico-educacional que se encontra, nesse momento, muito atenta para o particular e para o específico, o que em certa medida coloca alguns limites aos estudos comparativos.

Dadas as indicações de como a obra de Peter Burke tem circulado entre os historiadores da educação, assim como tem sido apropriada por eles, pensamos que o autor aqui em foco apresenta uma potencialidade para as pesquisas que ainda merecem ser mais bem exploradas pelos historiadores da educação brasileira.

FONTES

ARAÚJO, Marta Maria de *et al.* (Org.). *Intelectuais, Estado e Educação*. Natal, RN: EDUFRRN, 2006. v. II.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A Caixa de Pandora: desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil. In: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de *et al.* (Org.). *O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Maceió: EDUFAL, 2011.

BITTAR, Marisa; JUNIOR FERREIRA, Amarílio. Marxismo e culturalismo: reflexões epistemológicas sobre a pesquisa em História da Educação. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; TAMBARA, Elomar; XAVIER, Libânia (Org.). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 5, SBHE, 2010-2011).

CASTANHO, Sérgio. História Cultural e Educação: questões teórico-metodológicas. In: XAVIER, Libânia; TAMBARA, Elomar; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (Org.). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 5).

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. A cultura escolar entre culturas. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleomara Maria (Org.). *História das culturas escolares no Brasil*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 1).

FEITOSA, Adriana Madja dos Santos; BARROS, Eva Cristini Arruda Câmara. Educação e instrução nas províncias do Ceará e Rio Grande do Norte. In: GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar (Org.). *Educação e instrução nas províncias e na Corte Imperial (Brasil, 1822-1889)*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 3).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A cultura popular como objeto de estudo: “da beleza do morto” à compreensão de sujeitos e práticas culturais. In: XAVIER, Libânia Nacif *et al.* (Org.). *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

GONDRA, José Gonçalves. Historiografia da educação, seus balanços e saberes. A ultrapassagem como problema. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes (Org.). *A Educação e seus sujeitos na História*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira (Org.). *A Educação escolar em perspectiva histórica*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação).

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Livros, leitores e práticas culturais no Instituto Ponte Nova. In: CASTRO, César Augusto; CURY, Cláudia Engler (Org.). *Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste*. São Luís: EDUFMA, Café & Lápis; João Pessoa: Universitária – UFPB, 2011. (Coleção Tempos, Memórias & Histórias da Educação. v. 2).

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. Imprensa Periódica, Intelectuais e Organização da Cultura em Goiás (1942-1944). In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia (Org.). *Intelectual e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 10).

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A memória em Minas Gerais: entre o descarte e a preservação. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (Org.). *Educação no Brasil: História e historiografia*. Campinas: Autores Associados; São Paulo, 2001. (Coleção Memória da Educação).

SCHMIDT, Leonete Luzia. Educação e instrução na província de Santa Catarina. In: GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar (Org.). *Educação e instrução nas províncias e na Corte Imperial (Brasil, 1822-1889)*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. v. 3).

TAMBARA, Elomar; OLIVEIRA, Avelino Rosa. Fontes e métodos na História da Educação. In: XAVIER, Libânia; TAMBARA, Elomar; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (Org.). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: EDUFES, 2011. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil. V. 5).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marta Maria. “As alteridades societárias e a instituição dos grupos escolares no Rio Grande do Norte (1890-1911)”. *Revista Educação Pública*. Cuiabá, v. 21, nº 47, p. 619-635, set./dez. 2012.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Brasília: Ed. UnB, 1996.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. “Peter Burke”. In: LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.p. 233-250.

- BEISEIGEL, Celso de Rui. Educação e sociedade no Brasil após 1930. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil republicano. Economia e cultura (1930-1964)*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1985. Vol. 4. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Tradução de Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; FGV, 1998.
- BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. Tradução de Mercedes de Paula Ferreira. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. (Biblioteca Básica).
- _____. "A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa". In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 327-348. (Biblioteca Básica).
- _____. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. *Cultura, tradição, educação*. In: GATTI JÚNIOR, Décio; PINTASSILGO, Joaquim (Org.). *Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- _____. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2006. [3ª reimpressão em 2010]. (Coleção ALDUS, 18).
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002. (Memória e Sociedade).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Educação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *O Brasil monárquico: declínio e queda do Império*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1985. v. 1. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).
- _____. Ação missionária e educação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *A época colonial. Do descobrimento à expansão territorial*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1985. v. 1. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores*. Brasília: MEC/INEP, 1994. (Série Documental – Eventos, n. 5).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores*. Brasília: MEC/INEP, 1995. (Série Documental – Eventos, n. 6).

JALÓN, Mauricio. Entrevista con Peter Burke. *Revista Asociación Española Neuropsiquiátrica*, v. XXVII, n. 99, p. 145-159, 2007. Disponível em: <<http://scielo.isciii.es/pdf/neuropsiq/v27nia13.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 55. (Coleção Pensamento Crítico).

LE GOFF, Jacque; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 3. ed. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988a.

_____. *História: novos objetos*. 3. ed. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988b.

_____. *História: novas abordagens*. 3. ed. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988c.

NAGLE, Jorge. A educação na primeira república. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil republicano – sociedade e instituições (1889-1930)*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1985. v. 2. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Instrução e cultura escolar: considerações sobre cultura educacional no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja (Org.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos*. João Pessoa: Universitária – UFPB, 2009.

_____. As novas abordagens no campo da história da educação brasileira. In: XAVIER, Libânia; TAMBARA, Elomar; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (Org.). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011. v. 5. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil).

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Biblioteca de Ciências Sociais – Sociologia).

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Unicamp, 2001.

NAS DOBRAS DE CLIO: HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Copyright © 2014 by Ilka Miglio de Mesquita, Rosana Areal de Carvalho,
Luciano Mendes de Faria Filho (Organizadores)

Todos os direitos reservados

COLEÇÃO PENSAR A EDUCAÇÃO PENSAR O BRASIL

Comitê Editorial

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira – Coordenação (UFMG)

Cleide Maria Maciel de Melo

José Angelo Gariglio (UFMG)

Juliana Cesário Hamdan (UFMG)

Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)

Marcus Vinicius Corrêa Carvalho (UFF)

Maria do Carmo Xavier (PUC Minas)

Rosana Areal de Carvalho (UFOP)

Tarcísio Mauro Vago (UFMG)

Série Estudos Históricos

Coordenação

Juliana Cesário Hamdan (UFOP)

Marcus Vinicius Corrêa Carvalho (UFF)

Capa

Túlio Oliveira

Revisão

Adalberto Nunes Pereira Filho, Lourdes Nascimento e Patrícia Falcão

Projeto Gráfico e diagramação

Casadecaba Design e Ilustração

N241 Nas dobras de Clio: história social e história da educação / Ilka Miglio de Mesquita, Ione Ribeiro Valle, Rosana Areal de Carvalho, Luciano Mendes de Faria Filho; (Organizadores). – Belo Horizonte : Mazza Edições, 2014.

216 p. ; 16x23 cm

ISBN: 978-85-7160-637-1

1. Educação – História. 2. História social. I. Mesquita, Ilka Miglio de. II. Valle, Ione Ribeiro. III. Faria Filho, Luciano Mendes de.

CDD: 370.9

CDU: 37.0(091)

Produção Gráfico-editorial

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompeia

30280-410 BELO HORIZONTE – MG

Telefax: + 55 (31) 3481-0591

email: edmazza@uai.com.br

site: www.mazzaedicoes.com.br